

Calíope apresenta *páginas líricas*

Sala Cecília Meireles – julho de 2004

PROGRAMA

Hugo Wolf

(Austria *1860 †1903)

Im stillen Friedhof

Coro misto e piano

Die Stimme des Kindes, Op. 10

Coro misto e piano

Bela Bartók

(Hungria*1881 EUA †1945)

Quatro Canções Eslovacas (Sz. 70)

Coro misto e piano

Hochzeitslied aus Poniky

Heu-Erntelied aus Hiadel

Tanzlied aus Medzibrod

Tanzlied aus Poniky

Gustav Holst

(Inglaterra *1874 †1934)

Choral Hymns from the Rig Veda op.26

Coro Feminino e piano

Hymn to the Dawn

Hymn to the Waters

Hymn to Vena

Hymn to the Travellers

Sven-Eric Johansen

(Suécia *1919 †1997)

Fancies I - Shakespeare Songs

Coro misto e piano

Sylvia

Under The Greenwood Tree

Blow, blow, Thou Winter Wind

Fancy

Mistress Mine

Franz Schubert

(Áustria *1797 †1828)

Der Gondelfahrer, op.28, D.809

Coro masculino e piano

Gott ist mein Hirt, D.706

Coro feminino e piano

Im Gegenwärtiges Vergangenes, D.710

Tenor solo: Geilson Santos, coro masculino e piano

Ständchen, D. 920

Alto solo: Carolina Faria, coro feminino e piano

An die Sonne, D. 439

Coro misto e piano

Die Geselligkeit, D. 609

Coro misto e piano

MAESTRO: Julio Moretzsohn

PIANO: Katia Baloussier

SOPRANOS

Adriana Rodrigues

Ana Flavia Albuquerque

Doriana Mendes

Helen Heinzle

Laila Oazem

Sylvia Salusti

MEZZOS

Alessandra Hartkopf

Ana Madalena Nery

Carolina Faria

Denize Vieira

Natália Decotelli

TENORES

Fernando Moura

Geilson Santos

José Mirabeau

Rivelino Aquino

Ronaldo Victório

BARÍTONOS

Antônio Guapiassú

Daniel Albuquerque

Ezequiel Decotelli

Fabrcio Claussen

Rafael Thomas

TRADIÇÃO CORAL ROMÂNTICA E PÓS-ROMÂNTICA

Texto de Clovis Marques

O romantismo e o pós-romantismo produziram uma generosa colheita de música coral acompanhada ou *a capella*. Pela própria natureza do trabalho com a voz, voltado para a tradução em música e palavras do universo de poetas célebres ou anônimos, a canção coral não enveredou muito pela experimentação que caracterizou a música moderna – não pelo menos até Berio ou Ligeti. A presença de compositores do século XX como Holst e Johansen não significa, no programa de hoje, afastamento da melodia e de harmonias consonantes em sua maior parte. Mesmo no caso de Bartók, a escrita harmônica mais dissonante não chega a ser angulosa.

Gustav Holst – compositor profundamente identificado com a tradição coral britânica – musicou 14 hinos do *Rig Veda* indiano, os mais antigos poemas religiosos conhecidos, em sua própria tradução do sânscrito. De inspiração panteísta, a série de quatro hinos para vozes femininas e harpa (ou piano), concluída em 1910, transpõe em sonoridades diáfanas a adoração aos elementos.

Hugo Wolf ficou conhecido na maturidade e na posteridade como mestre da canção (*Lied*), mas entre suas criações da juventude os coros são considerados precursores de seu verdadeiro gênio. Em *Im stillen Friedhof*, sobre poema de Ludwig Pfau, o compositor nos leva a um passeio melancólico e questionador, enquanto *Die Stimme des Kindes* (Nikolaus Lenau) mexe fundamentalmente no tema pungente do silêncio de uma criança morta.

Franz Schubert também teve sua produção coral – muito mais vasta que a de Wolf – eclipsada pela sombra portentosa de seus *Lieder*, que praticamente constituem a invenção de um gênero. A *Serenata* de 1827 (*Ständchen*), sobre poema de Franz Grillparzer, para coro feminino e contralto solista, mistura leveza e ardente melancolia contra o pano de fundo de um permanente acompanhamento ondeante do piano; também para coro feminino e piano, *Gott ist mein Hirt – O Senhor é meu pastor*, o Salmo 23 - parece evocar a idéia da redenção no ostinato do acompanhamento, enquanto as fulgurantes evasões nas regiões harmônicas mais afastadas da tonalidade fundamental de lá bemol maior sublinham as passagens consagradas ao fardo da fragilidade terrestre. Para coro masculino, *Lembrança do passado no presente (Im Gegenwärtigen Vergangenes)* é uma pequena cantata sobre poema de Goethe, na qual os efeitos de crescendo são calculados em função do aumento progressivo do número de vozes; e *O Gondoleiro (Der Gondelfahrer)* evoca a fluidez das ondas e o vivo balanço da gôndola na lagoa através do vai-e-vem das semicolcheias na voz superior. Para coro misto, *An die Sonne (Ao Sol)*, alternando o canto polifônico e o homofônico em um plácido andamento *adágio*, e *Die Geselligkeit* são duas pequenas odes de adoração ao astro-rei e exaltação do convívio harmonioso na vida em sociedade.

As *Quatro canções populares eslovacas* foram compostas por **Bela Bartók** em 1917, evocando com temas folclóricos cenas da vida camponesa – a colheita, o casamento, a dança, a comida e a bebida. Elas alternam com frequência as vozes em uníssono com uma escrita mais polifônica.

Sven-Eric Johansen pertenceu a um grupo de compositores que começaram a criar na década de 40 sob a influência de Hindemith e Bartók. Em suas canções sobre textos de Shakespeare, *Fancies*, Johansen mostra uma linguagem tonal rica em dissonância, permanecendo no entanto alegre e lírica.

Calíope apresenta *páginas líricas*

Hugo Wolf (Áustria Austria *1860 †1903)

No tranquilo cemitério

Im stillen Friedhof - Ludwig Pfau

Quando passeio pelo tranquilo cemitério
Com o pesaroso coração
Que carrego no meu fiel peito
Junto a tanta dor e anseio,
Não encontro consolo.
Ah! Logo cresce a relva por cima da tumba
que até se alegra!
Como uma folha no outono
Deixa uma vida deste mundo,
E os pássaros cantam...
Ó orgulhoso coração do homem!
Ouve o sussurro dos ciprestes:
-Vivemos neste pequeno espaço,
Embaixo, jaz apenas um coração,
Há muito esquecido.

A voz da criança

Die stimme des Kindes - Nikolaus Lenau

Adaptação Fernando Maciel de Moura e Helen Heinzle

Uma criança dormindo! Silêncio! Ssh! Silêncio!
Nos seus traços a lembrança do Paraíso. Ssh! Silêncio!...
Ela sorri docemente, como quem ouve coros angélicos.
Sua boca sussurra prazeres celestes.
Mundo, cala-te!
Não incomodes a verdade deste sonho
com tuas sonoras mentiras!
Deixa-me ouvir a voz da criança
que sonha e me perder na inocência.
A criança, sem pressentir a minha espreita agitada,
Abençoa meu coração com sons mais sombrios
Do que o sussurrar das folhas na floresta silenciosa.
Cai sobre mim de uma profunda nostalgia,
Como a chuva sobre o prado silencioso.
Ouço sinos distantes que ecoam na montanha.
Ainda mais profunda é a nostalgia!

Bela Bartók (Hungria*1881 EUA †1945)

Quatro Canções Eslovacas

Versão: Carolina Alfaro

Canção de casamento de Poniky

Assim mandou a mãe a filha pequena a terras distantes
Rigorosa, ordenou-lhe:
“Segue teu marido! Nunca volte para mim”
“Ah! Vou transformar-me num melro,
Voar até a casa de mamãe,
Ali esperarei pousada no jardim
Sobre o caule de um lírio branco.”
E saiu a mãe: “Quem é este melro?
Estranha é sua canção, e triste.
Voe e parta agora, pequena ave,
Do caule de meu lírio branco!”
“A um mau marido, mandou-me mamãe a terras distantes.
Duro é sofrer tão amargo pesar
Numa infeliz união.”

Canção dos colhedores de feno de Hiadel

Onde os Alpes se erguem tão livres,
Alegre resplandece o vale florido;
Ali descansar!
Oh! Não há no mundo cama mais macia!
Finda a jornada de trabalho,
Repleto de feno o celeiro.
A noite chega
E nos deixa ir em paz para casa, Brethern!

Canção dançante de Medzibrod

Comida e bebida teu único prazer
E dançar com descuido,
Mas trabalho com agulha e linha
Nunca foi teu preferido.
Ao tocador de gaita lancei moedas, tolo,
Para que bailaras com outros,
E eu estou tão sozinho.

Canção dançante de Poniky

A gaita de fole está tocando!
Pares em dança rodando!
Prossiga gaiteiro até tudo acabar,
Até os corações e pernas saciar!
Toque com brilho e alegria,
Enquanto durar nossa economia!
Taverneiro, esta é para ti!
Esta é para o gaiteiro seguir!
O bode já viveu pastando;
Agora sua pele está tocando!
Se o bode já não pode saltitar,
Agora a gaita faz o jovem dançar!

Gustav Holst (Inglaterra *1874 †1934)

Hinos a Rig Veda

Versão: Carolina Alfaro

Hino à Alvorada

Ouve nosso hino, ó Deusa rica em tesouros e saber
Sempre jovem, porém antiga, e fiel às Eternas Leis.
Tu que despertas aves cantoras, insígnias do Eterno,
aproxima-te, ó Bela, em tua radiante Carruagem.
Trazei-lhe vossas oferendas, curvai-vos perante ela,
entoai as canções de acolhida, ao vê-la chegar em esplendor.

Hino às Águas

Jorrando do firmamento, rumo ao oceano,
tudo curando na terra e no ar, nunca cessando.
Indra, Senhor dos céus, formou seus cursos,
e as poderosas leis de Indra não se rompem jamais.

Águas purificadoras, jorrai depressa e acudi-nos.
Ora, nas águas reside Alguém,
que a todos conhece, na terra e no mar.
Cujo temível comando homem algum pode evitar,
Varuna, Senhor soberano Ele é.

Águas purificadoras, jorrai depressa e acudi-nos.
Avançai, águas, avancai depressa,
dançai aos raios brilhantes do sol,
obedecei ao mestre dos céus
que traçou vossa trilha para nela correr.
Jorrando do firmamento, rumo ao oceano,
tudo curando na terra e no ar, nunca cessando.
Indra, Senhor dos céus, formou seus cursos,
e as poderosas leis de Indra não se rompem jamais.
Águas purificadoras, jorrai depressa e acudi-nos.

Hino a Vena

O sol se ergue através da bruma.
Vena vem, nascido da luz,
guiando adiante as muitas nuvens coloridas.
Aqui, onde sol e águas se combinam,
nossas canções flutuam
e acariciam o recém nascido.

Vena vem.
A criança de nuvem e bruma
surge no cume do céu,
brilha no ápice da criação.
As multidões proclamam a glória
de nosso Pai Comum.

Vena vem.
Ele veio ao seio de sua amada.
Sorrindo para ele, ela o carrega ao mais alto céu.
De coração saudoso olhamos para ti,

ó mensageiro de deuses poderosos e asas douradas.
Os sábios o vêem nas libações,
quando sobe o sacrifício a alturas eternas
misturando-se a nosso solene cantar.

Ele fica ereto no mais alto céu,
vestido em nobres trajes,
portando armas luminosas,
lançando luz às terras mais distantes,
regozijando-se em radiante esplendor

Hino aos Viajantes

Avança à nossa frente,
guia-nos em nosso caminho, ó Poderoso.
Torna nossa viagem aprazível,
nunca nos deixe perder.

Tu, que fazes maravilhas, ouvi-nos,
vem em teu esplendor,
vem em teu supremo poder.
Destrói os que desejam o mal,
todos os que se opõem, ó Poderoso.
Afasta o ladrão,
distancia todos os nossos inimigos.

Tu, que fazes maravilhas, ouvi-nos,
vem em teu esplendor,
vem em teu supremo poder.
Ao longo de nossa viagem,
elevamos canções a ti, ó Poderoso.
Tu, que acudiste a nossos pais,
guarda para nós nossos dias.

Tu, que fazes maravilhas, ouvi-nos,
vem em teu esplendor,
vem em teu supremo poder.
Alimenta-nos e inspira-nos,
guarda-nos em tua proteção, ó Poderoso.
Leva-nos para além dos que nos perseguem
rumo a clareiras belas.

Tu, que fazes maravilhas, ouvi-nos,
vem em teu esplendor,
vem em teu supremo poder.
O deus invocado neste hino é o Guia de viajantes
pelas estradas deste mundo
e por aquelas que levam ao outro.

Fancies I – William Shakespeare

Versão e Adaptação: Ricardo Danemann

1. Sylvia - (Os cavalheiros de Verona)

Quem é Silvia?

Quem é? Que todos os nossos admiradores a glorificam

É santa, bela e discreta?

Os céus a adornaram com tais perfeições,

Que não pode ser menos que admirada

É tão terna quanto bela?

Pois que beleza e ternura aí convivem

O amor recorre a seus olhos

Para remediar sua cegueira,

Depois da cura, aí faz sua morada.

Cantemos, portanto, para Sylvia

Já que é perfeita;

Está acima dos mortais

Que habitam este vale de lágrimas

Levemos-lhe nossas guirlandas

2. Neste bosque umbroso (Como gostais)

Under the Greenwood Tree

Aquele que neste bosque umbroso

Queira gozar comigo o repouso

Unindo seus belos tons suaves

Ao melodioso trino das aves,

Venha aqui, venha aqui, venha ao meu lado

Não achará neste abrigo

Outro nenhum inimigo

Senão o inverno enregelado.

Aquele que não é ambicioso

E a plena luz do sol vive ditoso

Buscando seu alimento

E o encontra a contento

Venha aqui, venha aqui, venha ao meu lado

Não achará neste abrigo

Outro nenhum inimigo

Senão o inverno enregelado.

3. Sopra, sopra, vento hibernal (Como gostais)

Blow, blow thou winter blow

Sopra, sopra, vento hibernal,

Não és assim tão infernal

Como é a humana ingratidão

Teu dente não é tão agudo

Porque não és visto, mas rude

Teu hálito de furacão

Hei-ho, cantemos,

do azevinho à sombra escura

4. Fantasia (O Mercador de Veneza)

Fancy

Diga-me aonde nasce a paixão.

É na cabeça ou no coração?

Como se engendra? Como se nutre?

Responde, responde.

Se engendra nos olhos

Nutre-se de olhares;

E morre no leito em que repousa

Repiquemos todos o toque funeral da paixão

Eu começo: dão,da, lão...

A amizade nem sempre é pura

E o amor não passa de loucura

Cantemos, pois, do azevinho à sombra escura!

Que a vida alegre pouco dura

5. Senhora minha (Noite de Reis)

O mistress mine

Aonde ides, senhora minha?

Parai, ouvi vosso fiel amante,

Que sabe cantar alto e baixo.

Mas não andeis, lindo benzinho;

Encontro de amor é jornada finda,

Todo filho de sábio sabe disso...

O que é o amor?

Não está por chegar

A alegria de agora tem o riso do presente

O que está por vir é ainda obscuro

A espera não traz fortuna

Venha, portanto, beij-me, vinte vezes amada

A juventude é matéria efêmera.

Franz Schubert (Áustria *1797 †1828)

Adaptação Fernando Maciel de Moura e Helen Heinzle

O Gondoleiro

Der Gondelfahrer – J. Mayrhofer

A lua e as estrelas dançam
fugaz e fantasmagórica ciranda.
Quem nunca foi tocado
pelas preocupações mundanas?
Podes, agora, ao luar, minha barca, navegar
embalado pelo mar sem fim.
Da torre de São Marcos ressoava o adágio da meia noite,
todos repousam em paz, só o barqueiro vela

Salmo 23 – O Senhor é meu Pastor

Gott ist mein Hirt

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.
Deitar-me faz em pastos verdejantes;
guia-me mansamente a águas tranqüilas.
Refrigera a minha alma;
guia-me nas veredas da justiça por amor do Seu nome.
Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte,
não temerei mal algum, porque tu estás comigo;
a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim
na presença dos meus inimigos;
unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

O passado no presente

Im Gegenwärtiges Vergangenes – Goethe

A Rosa e o Lírio, cobertas de orvalho,
florescem esta manhã no jardim vizinho.
Mais adiante, desponta o rochedo
aconchegado pelo verde,
Em direção às alturas,
envolto em erma floresta e coroado pela fortaleza
Do cume da montanha estende-se um arco
até encontrar lá embaixo, o vale.
Tudo isso traz o cheiro de outrora
quando ainda sofríamos por amor,
E as cordas do meu saltério
duelavam com os raios da manhã.
Quando a canção de caça erguia-se robusta,
inspiradora, renovando a alegria do coração!
As florestas se renovam sempre,
siga o seu exemplo e deixe que outro aproveite
do que aproveitaste.
Que ninguém nos acuse
de tomar apenas para nós mesmos este prazer.
Em todas as idades, é preciso aproveitar.
Esta canção e estes dizeres, lembram-nos o poeta Hafiz:
É preciso aproveitar o dia com os que sabem fazê-lo.

Serenata

Ständchen - Franz Grillparzer

Hesitantes, sem nenhum ruído
No silêncio da noite, aqui estamos,
E com o nó dos dedos batemos à porta da amada.
Agora mais confiantes,
Corajosos, altivos,
E em alto e bom som
Nós lhe dizemos claramente: - Não durma,
Pois é a voz do coração que vos fala!
Um sábio na antiguidade
Procurava com sua lanterna os homens por toda parte:
Tão raros como o ouro
São os seres amáveis e de boa vontade.
Agora, quando a amizade e o amor falam,
Não durma, amiga, amada!
Mas o que neste mundo
É comparável a um bom sono?
Mais que palavras e presentes
É de um bom descanso que deves desfrutar agora.
Mais uma palavra, mais um adeus,
E a alegre canção se interrompe,
Sem ruído, silenciosamente,
Mais uma vez desaparecemos.

Ao Sol

An die Sonne - Johann Peter Uz

Ó Sol, rei do mundo, que nossas sombrias vidas
clareia em luminosa majestade;
Sublime milagre da mão que desfraldou o céu
e semeou as estrelas.
Ainda hoje vejo teu esplendor,
Ri-me em sua grinalda de flores ainda hoje a natureza
Talvez calem-se amanhã na floresta
os coloridos pássaros.
Sinto que sou mortal
Minha vida fenesce como a relva,
Seca como o capim.
Quem sabe quão inesperadamente a Suprema Voz
ressoará:
Volte, volte ao Pó!

A Sociabilidade

Die Geselligkeit - Johann Carl Unger

Quem tem prazer em viver, não fica só,
A solidão é tediosa, quem pode se comprazer nela?
Em círculo íntimo, num beijo caloroso,
A boa companhia é o prazer da alma!
Os pombos nos dão lições de Amor e Prazer.
A pombinha enche o peito sedoso, arrulha o pombo.
Ensinam-nos a viver juntos num beijo.
Que isto seja o prazer do nosso coração